

Todas as verdades que você sempre quis dizer

EDITORIAL

*“Escrever, já foi dito tantas vezes,
é assumir todas as formas,
é ser homem e ser mulher,
é ser animal e pedra”.*
Marina Colasanti

Mulheres escrevem, apesar de toda a violência a que têm sido sujeitas, pois expor-se, mostrar sua alma, revelar seus segredos mais íntimos pode melhorar a forma como vemos uns aos outros, ao tornar mais fácil ser aquilo que se é, permitindo que todos o sejam.

Mulheres sempre escreveram, algumas muito bem, mas grande parte do produto de sua escrita foi relegado a gavetas ou fundos de baú, ou até a fogueiras inquisitoriais. O silenciamento foi imposto até mesmo por aqueles que as amavam, já que mulheres deviam ser protegidas do conhecimento, forma de evitar que tivessem “maus pensamentos” que poderiam levar a más atitudes como trabalhar longe da segurança-prisão de lares, amar a quem quisessem, ter ou não filhos, evitar relacionamentos tóxicos. Serem livres para viver, para correr todos os perigos e maravilhas que são parte de uma vida plena.

Para elas houve poucos gêneros literários admitidos: a escrita privada, cartas e diários que constituíram os primeiros textos de mulheres; poucas obras literárias. A correspondência, uma espécie de tarefa feminina, transformou-se em fonte de informações familiares e pessoais preciosas, pois é possível por meio delas conhecer usos e costumes domésticos sobre os quais teríamos poucas fontes em épocas remotas; a escrita religiosa, por meio da qual pode-se ouvir as vozes de mulheres místicas, abadessas de grandes conventos, senhoras caridosas voltadas

a estabelecer regras morais, e mesmo algumas mulheres consideradas santas.

Aos poucos, a partir do século XVII, poesias e romances de autoras passaram a ser viabilizados em mais larga escala, e grandes obras até hoje famosas são levadas ao público. Entretanto, foi apenas entre o final do século XIX e o início do XX que manuscritos adquiriram características de um “livro do eu”, tipicamente femininos, nos quais sentimentos, questionamentos e reflexões passaram a buscar uma identidade própria, um maior autoconhecimento.

Subjetivo, intimista, este tipo de escrita permitia ouvir a voz das mulheres, pelo menos daquelas mais cultas, que podiam falar de si, embora ainda de forma restrita. Escrever é uma conquista, entre várias outras que mulheres conseguiram ao longo dos últimos anos, porém infelizmente parecemos atualmente estar em certo retrocesso, como se a questão dos direitos femininos perdesse a importância diante da aparente autorização social das violências e agressões.

Dizer, em prosa ou poesia, todas as verdades contidas na alma, num tempo em que o feminicídio parece adquirir aspectos pandêmicos; revelar no ambiente acadêmico as vozes de jovens mulheres em formação, estimulando o desenvolvimento das artes e da ciência e completando a formação cidadã, sob orientação de docentes competentes e dedicados, é o que de melhor podemos esperar de um ensino de qualidade.

Que sejam bem-vindas as novas autoras!

Prof.^a Wanda Camargo
Coordenação geral

APRESENTAÇÃO

O projeto "Todas as Verdades que Você Sempre Quis Dizer" nasce do desejo de fortalecer laços entre mulheres. Por meio de uma rede de palavras genuínas advindas de vozes em tons diversos, construímos este caderno como um espaço de livre expressão que ressoa dores, desejos, alegrias, finitudes e recomeços que habitam a alma feminina. Para além de um exercício poético, a iniciativa se consolida como um ato de representatividade, no qual relatos anônimos são transformados em poesia, ressignificando experiências individuais e conferindo visibilidade a narrativas silenciadas.

A proposta surge da percepção de que o cotidiano feminino pode ser atravessado por interdições que dificultam a livre expressão de suas vivências. Para fazer ressoar vozes onde há silêncio, é preciso oferecer escuta; assim, o projeto estrutura-se em um fluxo colaborativo: iniciando com a coleta sensível e anônima de depoimentos, escritos a mão em pequenos bilhetes, seguidos da curadoria desse acervo e da recriação poética conduzida por escritoras convidadas e voluntárias. Cada etapa foi desenhada para assegurar a diversidade de perspectivas e o respeito à autenticidade, destacando a postura de alteridade entre todas as participantes.

O resultado desse processo é um caderno digital de poesias de autoria coletiva. Cada poeta participante recebeu ao menos um bilhete que inspirou seus poemas. Estes pequenos depoimentos estão destacados entre aspas no início dos textos. Longe de ser apenas uma coletânea de versos, a publicação se projeta como um manifesto poético, valorizando o propósito de cada mulher de exercer a autoria de sua própria história.

Sob a poética de um diário, o projeto opera como um registro de memórias compartilhadas. Assim, suas páginas se preenchem não apenas com a autoexpressão, mas com o eco da experiência do outro, costurando uma rede de empatia. O caderno digital se torna um mosaico de vivências e um espaço de

acolhimento, onde cada relato é transformado em poesia.

Esta iniciativa é dedicada a todas as mulheres: as que vieram antes e pavimentaram o caminho, as que caminham ao nosso lado e as que virão. Que estas palavras, agora inscritas na poesia, atuem como farol e fagulha para a construção de um horizonte mais justo, plural e sensível às nossas vozes.

Profa Graciela Johnsson Campos
Professora orientadora e coordenadora do projeto.

“Ser mulher é ter que pensar por si e pelos outros – intenções, medos, atitudes – e ter a esperança de que a própria existência faça sentido.” Autoria Anônima

O PROJETO

Todas as Verdades que Você Sempre Quis Dizer é um projeto de comunicação social desenvolvido em parceria com a Unibrasil, com o objetivo de criar um espaço seguro para que mulheres compartilhassem, de forma anônima, experiências, sentimentos e reflexões que muitas vezes permanecem silenciados.

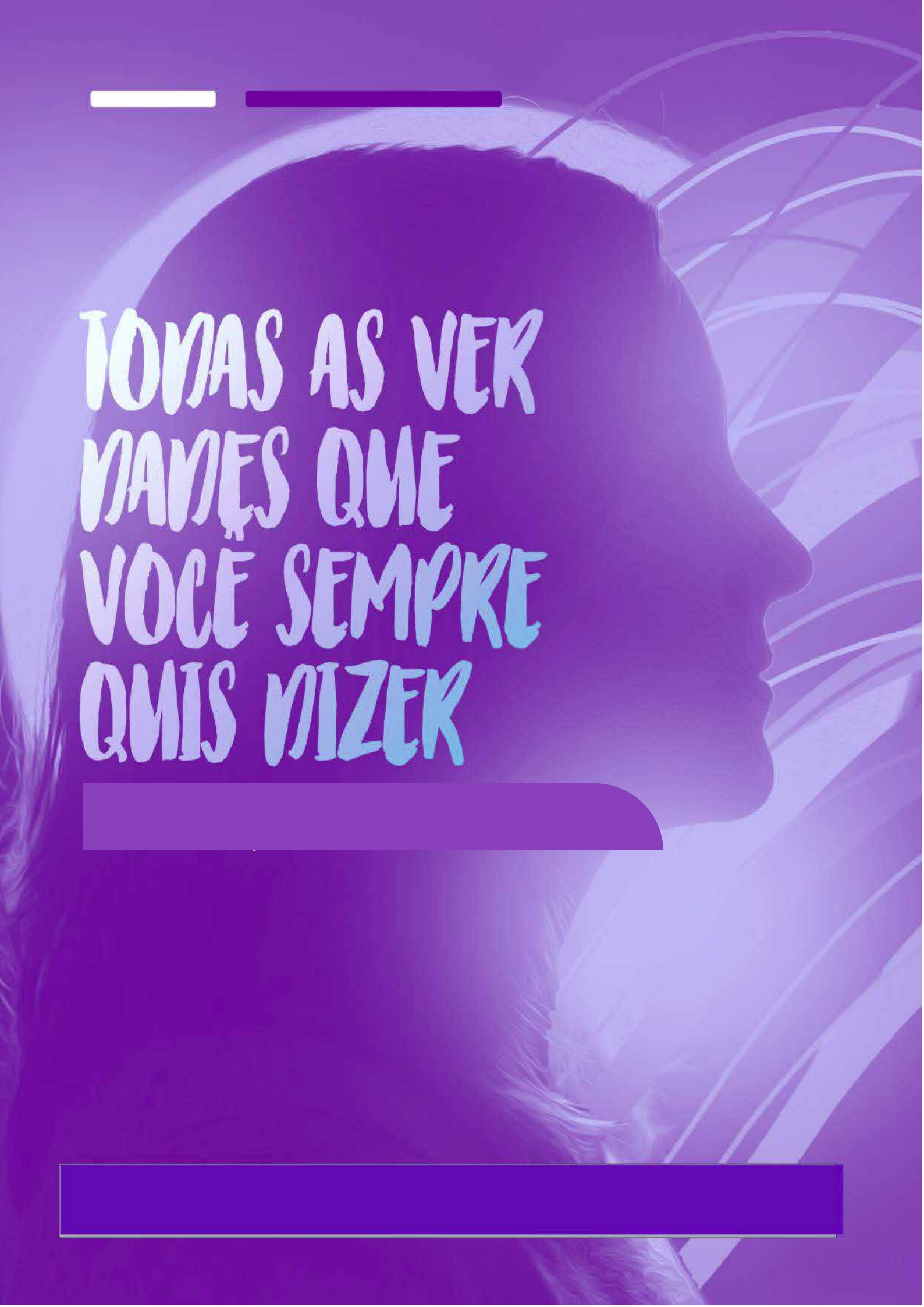
A partir de uma campanha de coleta de relatos, reunimos 85 depoimentos, escritos como pequenos bilhetes, que deram origem a uma revista, transformando histórias individuais em uma narrativa coletiva de acolhimento. O desenvolvimento do projeto envolveu o planejamento da campanha, a divulgação para incentivar a participação do público, a curadoria dos relatos e a produção editorial da publicação.

O projeto demonstrou o potencial da comunicação como ferramenta de escuta, expressão e transformação social, dando visibilidade a diferentes vivências e promovendo reflexão por meio da narrativa e da construção coletiva.

“ Ser mulher é pensar por si e pelos outros,
Viver em um mundo de segundas intenções,
Dividir-se em pequenas frações,
Enquanto o coração sussurra em ecos roucos.

Ser mulher é naufragar num mar de medos,
E, num silencioso desespero,
Ter a esperança de que sua existência faça sentido. ”

(Sarah Pondeli Telles, 2026)



TOMAS AS VER
NAMES QUE
VOCE SEMPRE
QUIS DIZER